

## A OPRESSÃO RAÇA-GÊNERO POR MEIO DE ZOMBARIAS NO ESPAÇO DE TRABALHO E AÇÕES DE RESISTÊNCIA

*EIXO TEMÁTICO36 - Violências de Gênero e o Neoconservadorismo: A Pesquisa como Modo de Resistência*

Thaize Ferreira Cardoso <sup>1</sup>  
Joyce Otânia Seixas Ribeiro <sup>2</sup>

**Resumo:** Neste trabalho objetivamos entretecer uma reflexão sobre as relações de gênero-raça entre homens e mulheres na Fábrica de Palmito Içara, Abaetetuba, Pará. Para tanto, acionamos as contribuições de Scott (1995), Louro (1997), Soihet (2005) e de Maria Lugones (2008, 2014). A pesquisa foi desenvolvida por meio da etnografia pós-moderna, uma invenção cultural que abriu o espaço cultural para novas modalidades de composição e para outras críticas. Os resultados indicam que no espaço pesquisado as mulheres negras e mestiças sofrem violência por meio de zombarias que ofendem, ameaçam e inferiorizam; porém, elas resistem.

**Palavras-chave:** Colonialidade de gênero; Racialização; Zombaria.

### INTRODUÇÃO

A opressão raça-gênero e trabalho é o tema desse trabalho, o qual apresenta relevância social e acadêmica, na medida em que envolve um grupo minoritário e produz conhecimento sobre sua condição. Considerando isso, nosso objetivo é entretecer uma reflexão inicial sobre as relações entre gênero-raça na Fábrica de Palmitos Içara, localizada no município de Abaetetuba, no estado do Pará. Para tanto, acionamos as contribuições dos estudos de gênero com Scott (1995), Soihet (2005) e Maria Lugones (2008, 2012, 2014), intencionando compreender alguns traços da experiência vivida no terreno de pesquisa.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de trabalho de campo baseado nos princípios da etnografia pós-moderna, que se configura com outra modalidade de crítica cultural, em razão da noção de cultura como terreno contestado, plural, produzida em meio a diferença e as relações poder. O trabalho de campo etnográfico permanece como um método particularmente sensível, pois impõe ao grupo envolvido outro modo de

---

<sup>1</sup> Graduada do Curso de Pedagogia do Campus Universitário de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará - PA, [thaize.moraes.ferreira@gmail.com](mailto:thaize.moraes.ferreira@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação, Professora do Campus Universitário de Abaetetuba da Universidade Federal do Pará - PA, [joyce@ufpa.br](mailto:joyce@ufpa.br)

experimentar a cultura, a diferença e o diálogo polifônico. Aqui, o trabalho de campo é orientado por Clifford (1998) e na próxima seção, detalharemos seu *modus operandi*.

Na Fábrica de Palmito Içara, as atividades de trabalho são organizadas no processo que denominamos de *produção generificada*, no qual é perceptível o enaltecimento da supremacia masculina, e a degradação do trabalho feminino; as relações entre os gêneros são marcadas por zombarias que ofendem, ridicularizam, ameaçam, enfim, inferiorizam as mulheres negras e mestiças. Mas estas são opositoras e resistem se organizando para reivindicar direitos.

### **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

A pesquisa foi desenvolvida por meio da etnografia pós-moderna, considerada como uma invenção cultural em razão de abrir o espaço para novas modalidades de composição e de críticas. O *modus operandi* contou com a observação participante, conversações informais e captura de imagens.

Para Clifford (1998), a observação participante se ocupa em olhar, ouvir, perguntar, e registrar a cultura pesquisada, por meio da permanente atenção na vida diária, buscando mapear um conjunto de significados passíveis de registro e explicação. As conversações informais e captura de imagens foram realizadas de modo a desnaturalizar eventos e pessoas. As informações produzidas foram registradas no diário de campo, um texto polifônico que nos forçar a enfrentar as complexidades dos encontros e a considerar os relatos como provisórios. Os sujeitos da pesquisa foram os funcionários e funcionárias da fábrica, na faixa etária entre 18 e 55 anos, a maioria com ensino fundamental completo; a maioria dos interlocutores/as se declarou católico/a, heterossexual, casados/a e com filhos/as; a maioria é predominantemente mestiça, mas há negros/as.

### **REFERENCIAL TEÓRICO**

Nesta parte buscamos explicar as experiências vividas na cultura de gênero no cotidiano da fábrica. Com Scott (1995), historiadora pós-estruturalista, o gênero é definido como categoria analítica e como uma forma de descrever, analisar e explicar os

sistemas de relações sociais e sexuais existentes. Como categoria de análise, o gênero possui duas dimensões: a construção social e a inter-relação permanente entre alguns elementos que são condição para sua compreensão, como os símbolos, os conceitos normativos a crítica a fixidez, e a desconstrução da identidade subjetiva. A dimensão que imprime certa inovação ao conceito é a política, na qual o gênero é uma forma primária de imprimir significado às relações de poder. Nesse sentido, o poder não é unicamente força ou controle, mas um mecanismo que produz o saber, o discurso, e também induz ao prazer. Com essa noção de poder apoiada na analítica foucaultinana, é possível acessar o aspecto relacional entre os gêneros, desconstruir os binarismos e afirmar a instabilidade entre os gêneros.

Ao buscamos a gênese da cultura de gênero hegemônica, chegamos ao ponto no qual certos discursos que tentam subalternizar as mulheres na América Latina e no Brasil foram constituídos no período da aventura colonial nas Américas; esses discursos ainda reverberam nas relações entre os gêneros no contexto sócio-cultural da Amazônia, desenhando um cenário marcado pela violência de gênero cotidiana.

Um dos aspectos da opressão de gênero, a zombaria, foi refletido com o apoio de Soihet (2005). Para ela, o riso e a zombaria remontam a Grécia antiga, passando pelo medievo e chegando a contemporaneidade, sendo analisadas por Mikhail Bakhtin, Quentin Skinner e outros. Segundo a autora, o uso da zombaria para ridicularizar, inferiorizar e excluir as mulheres objetiva resolver o desequilíbrio de poder entre os gêneros, quando essas passam a ocupar a esfera pública. Desse modo, as mulheres que atuam na política, que trabalham, que são intelectualizadas, feministas, literatas, ou qualquer mulher que ultrapasse as fronteiras bem delimitadas da cultura de gênero hegemônica, são alvo de zombarias e representadas como grosseiras, inadequadas e masculinizadas.

Buscando alinhar zombaria, relações de gênero e raça, acompanhamos Lugones (2008) e a ferramenta analítica denominada *colonialidade de gênero*, delineada a partir do contexto colonial e da noção de gênero relacional de Scott. A *colonialidade de gênero* diz respeito a imposição da cultura patriarcal aos nativos colonizados/as pelas nações ibéricas, com o objetivo de modelar as relações entre os gêneros para legitimar o

poder colonial. Nesse processo, o mecanismo de opressão central é a *racialização*, que representou os não brancos, os não ditos da modernidade, negros, indígenas, mestiços e transgêneros como selvagens, bestiais e não humanos, para controlá-los e subalternizá-los, e subjetivá-los garantindo o sucesso da colonização das Américas. O gênero foi colado a racialização, compôs um par usado como mecanismo de poder.

A *colonialidade de gênero* segue ativa no contemporaneidade, e sua superação é possível por meio do feminismo decolonial, pois este é capaz de representar e visibilizar as mulheres nativas. O feminismo decolonial tem a intenção de entretecer uma reação que se expressa em duas dimensões: a resistência teórica e a política. A resistência teórica é a *interseccionalidade*, uma ferramenta analítica para entender a opressão, e afirmar a capacidade teórica das mulheres colonizadas lançando-as ao desafio de reconceitualizar a raça na relação com o patriarcalismo colonial. A resistência política é a capacidade de reação, que é possível devido as mulheres colonizadas não serem unicamente oprimidas, mas seres opositoristas que habitarem um *locus fraturado*. A resistência é apenas o começo da luta política, o mínimo de agência necessário para o ativismo, e sua finalidade última: articular a coalizão criativa e forjar alianças tansraciais, transclassistas e transgêneros entre mulheres colonizadas, para enfrentar o patriarcalismo e a *racialização* do sistema colonial de gênero.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Abaetetuba, como as demais cidades do norte do Brasil, é uma cidade híbrida construída a partir do encontro entre diversas raças e etnias. Desde o período colonial, as mulheres indígenas, negras e mestiças foram forçadas ao trabalho pesado e violentadas, mas essas vem resistindo por meio de lutas por sobrevivência e visibilidade. Na contemporaneidade, a violência de gênero tem registrado aumento exponencial, estando mais vulneráveis pretas e pardas.

A Fábrica de Palmito Içara localizada na cidade, tem problemas trabalhistas, como o recorrente atraso nos pagamentos, o que desagrada os/as funcionários/as. O trabalho cotidiano é organizado no que denominamos de *produção generificada*, no qual os homens desempenham atividades consideradas brutas e, as mulheres, as atividades

consideradas leves, configurando a cultura de gênero a partir de significados que orientam o *pensar-fazer* de homens e de mulheres, produzindo e reproduzindo modos de ser, fazer e sentir hegemônicos (FERREIRA, 2018).

Esse panorama marcado pela diferença e por relações de poder, expressos no enaltecimento do trabalho masculino e na degradação do feminino, o que promove tensões e conflitos entre os gêneros no ambiente de trabalho. Durante o trabalho de campo, observamos que a convivência pode ultrapassar as oito horas de trabalho, o que faz surgir o que consideram como "brincadeiras", que já estão naturalizadas entre eles e elas. Entre os homens as tais brincadeiras consistem chamar uns aos outros de “cornos”, “veado”, “safado”, o que é considerado por eles como “parceiragem”. Entre os homens e as mulheres, estas brincadeiras assumem outra conotação, manifestando-se quando eles as chamam de fofoqueiras, quando dizem que elas "precisam de marido", ou quando as ofendem com palavrões. Nesses momentos elas podem até silenciar, mas a postura corporal e o semblante dizem do seu descontentamento. Em certa ocasião, houve um conflito entre um grupo de mulheres e o patrão devido ao atraso no pagamento; elas pararam suas atividades e reivindicaram a imediata normalização do pagamento dos salários; a reação do dono da Fábrica foi desrespeitosa, pois desqualificou a justa reivindicação política como “galinhagem”.

A mobilização e reivindicação demonstrou consciência da exploração e da opressão, por meio de uma ação política na tentativa de superar a injustiça no trabalho. Ao desqualificar a ação política como “galinhagem”, o dono da Fábrica acionou um estereótipo com conotação sexual para diluir sua força, pois o estereótipo da mulher "galinha" significar que esta tem conduta pública indecorosa, que contraria a moral sexual em vigor. O dono da Fábrica usou a zombaria como arma política para impedir o desequilíbrios de poder entre os gêneros, ridicularizando a participação política do grupo de mulheres.

Na Fábrica de Palmito Içara, a *colonialidade de gênero* ainda está presente na divisão de tarefas da *produção generificada* e nas zombarias cotidianas, gerando relações de poder violentas. Ambas são mecanismos do patriarcalismo colonial e geram tensões e conflitos, na medida em que incitam o enaltecimento da supremacia masculina e a degradação do trabalho feminino por ser considerado supostamente leve. Também espacializa o local de trabalho como uma arena na qual as mulheres mestiças e negras são permanentemente atacadas com zombarias que ofendem, ridicularizam, ameaçam, inferiorizam e excluem.

Essa lógica cultural é efeito da colonização lusitana cujo objetivo foi colonizar subjetivando a partir da *racialização* e da *colonialidade de gênero*. Porém, as mulheres negras e mestiças foram e ainda são rebeldes e oposicionistas, logo, não aceitam a inferiorização via zombarias, pois mesmo quando silenciaram a indignação está lá, incitando a insurgência, o que confirma o aspecto relacional e instável entre os gêneros. Recentemente, o feminismo decolonial tem despontado na América Latina como uma alternativa teórica e prática. Ainda que as mulheres da fábrica não estejam cientes dele, elas reagem. No entanto, acreditamos na necessidade de situar teórica e politicamente a resistência, mesmo que nesse cenário esta se configure apenas um ponto de partida capaz de provocar um *pensar-fazer* outro e aprimorar o diálogo entre as mulheres colonizadas em prol do *bem viver* nessa região.

## REFERÊNCIAS

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

FERREIRA, Thaize M. **Fábrica de palmito**: relações sociais, de gênero e práticas do cotidiano. Trabalho de Conclusão de Curso. Abaetetuba: FAECS, 2018.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 22, n. 3, set./dez., 2014.

\_\_\_\_\_. Colonialidad y género. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 9, pp. 73-101, 2008.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação&Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, pp. 71-100, jul./dez., 1995.



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

SOIHET, Rachel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, dez., 2005.